

HISTÓRIAS SURPREENDENTES: PARA UMA CARATERIZAÇÃO DO LIVRO *LIFT-THE-FLAP*

SURPRISING STORIES: FOR A DESCRIPTION OF THE *LIFT-THE-FLAP* BOOK

Diana Maria Martins¹

Resumo

Pretende-se, neste estudo, proceder a uma breve abordagem teórica de alguns livros *lift-the-flap* inscritos na literatura de potencial recepção infantil tendo em vista uma definição/caraterização deste, a par de um mapeamento das suas potencialidades ao nível da formação de leitores e do desenvolvimento de competências de literacia. Por via da mobilização de conceitos e de matérias do domínio dos Estudos Literários, da História, da Análise e Hermenêutica Textual, elencar-se-ão as estratégias (verbais e ilustrativas) e/ou mecanismos retórico-estilísticos mais relevantes desta tipologia, demarcando-o, assim, de outras categorias também compreendidas no âmbito do livro-objeto, ou de um modo mais particular, do livro-brinquedo. Será feita uma abordagem interpretativa de um *corpus* exemplificativo, composto por cinco obras, todas publicadas no século XXI, tendo em vista, portanto, a definição deste (sub)género editorial e/ou literário.

Palavras-chave: literatura para a infância, livro-brinquedo, livro *lift-the-flap*, literacia

Abstract

The aim of this study is to provide a brief theoretical approach to some of the lift-the-flap books in children's literature, with a view to a definition / characterization of this book, along with a mapping of its potentialities in the formation of readers and the development of literacy skills. Through the mobilization of concepts and subjects in the field of Literary Studies, History, Analysis and Textual Hermeneutics, the most relevant strategies (verbal and illustrative) and / or rhetorical-stylistic mechanisms of this typology will be listed, thus differentiating it from other categories also included in the scope of the object book, or in a more particular way, of the toy book. An interpretative approach will be made based in an exemplary corpus, composed of five works, all published in the 21st century, aiming at a definition of this (sub) editorial and / or literary genre.

Keywords: Children's literature, toy-book, lift-the-flap book, literacy

Introdução

Nos últimos tempos, a literatura de potencial recepção infantil tem-se pautado por uma diversidade de ofertas editoriais, muitas vezes, ousadas no que à concepção do livro diz

¹ Instituto de Educação, Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga: Portugal, dianamaria20008@gmail.com

respeito, facto que tem suscitado o interesse de diversos estudiosos. Estes volumes distintos dos demais, pela aposta na diferenciação ao nível dos materiais, do formato, da exploração de estratégias físicas como abas ou discos giratórios, por exemplo, têm vindo a alterar as condições habituais de leitura e a motivar a reflexão acerca do próprio conceito do livro, por parte de especialistas em *design*, por exemplo. Na verdade, esta tendência tem despertado o interesse, também, por parte de investigadores da área da literatura para a infância, que procuram estudar o livro-objeto numa tentativa de clarificação de conceitos e de estipulação de tipologias (RAMOS, 2017). O presente estudo inscreve-se, deste modo, na linha investigativa que vimos de enunciar, um domínio no qual, como se pressupõe, se cruzam e mobilizam matérias e estratégias de abordagem imprescindíveis para uma leitura e análise situadas, por exemplo, no âmbito dos estudos literários, da literatura de potencial receção infantil ou na própria ilustração para a infância, entre outras.

De cariz necessariamente breve ou circunscrito, ainda assim, relevante e inovador, atendendo à ausência de uma investigação académica dedicada em exclusivo a esta temática, esta análise inscreve-se numa pesquisa mais vasta que temos vindo a empreender em torno do livro-brinquedo – uma investigação intitulada *O lugar do livro-brinquedo na infância: arquitetura, (inter)texturas e outros desafios* (título provisório). Trata-se de um trabalho que temos vindo a concretizar no âmbito do curso de Doutoramento em Estudos da Criança, na especialidade de Literatura para a Infância, no Instituto de Educação, na Universidade do Minho (Braga-Portugal), sob a orientação da Professora Doutora Sara Reis da Silva.

Para a concretização dos propósitos já enunciados, procedemos à definição de um *corpus* textual a partir de critérios como a simplicidade e brevidade dos textos, a variedade de estruturas narrativas, por exemplo, a multiplicidade de relações texto-imagem, o cuidado ao nível de características externas e de natureza paratextual, a diversidade de composições gráficas (por exemplo, ao nível do próprio material de composição/produção do livro) e a variedade de registos plásticos/técnicas plásticas. Assim sendo, o *corpus* textual representativo e que constituirá o alvo da nossa análise neste estudo compreende os seguintes títulos: *Onde estás tu, coelhinho?* (Areal Editores, 2005), ilustrações de Stuart Trotter; *Cucu Onde está? Olha, espreita e descobre* (Texto Editores, 2006), de Moira Butterfield; *Cucuuu com sons Chap! Chap!* (Civilização Editora, 2011), de Dawn Sirett; *Querido Zoo* (Editorial Presença, 2015), de R. Campbell, e, ainda, *Posso espreitar a tua fralda?* (Minutos de leitura, 2016) de Guido Van Genechten.

Para uma definição/caraterização do livro *lift-the-flap* para a infância

“Desafiadores, originais e exigentes” (RAMOS, 2017, p.16) é desta forma que podemos descrever muitos dos volumes que a literatura contemporânea que tem na criança o seu preferencial destinatário extratextual tem dado a conhecer, distinguindo-se esta como um sistema ou uma manifestação heterogênea, plural ou complexa tanto ao nível verbal, como no domínio visual e/ou gráfico. A ênfase colocada na materialidade do livro destas edições, de essência deliberadamente experimental e criativa, aproxima-a, não raras vezes, do domínio do livro de artista² ou da obra de arte (PELACHAUD, 2010), ao mesmo tempo que torna possível uma desformalização do gesto tradicional de ler, “esbatendo as barreiras entre a realidade e a ficção (ou tirando partido delas para efeitos da própria criação literária, em construções de cariz metaficcional)” (RAMOS, 2017, p. 20). Por conseguinte, a relação entre o leitor e o livro é alvo de alterações, dada a prevalência de uma interação ativa e colaborativa do primeiro, de quem se exige um envolvimento físico e a tomada de decisões por forma a aceder à mensagem (RAMOS, 2017). O leitor assume-se, desta forma, como um coautor no processo de construção de sentido(s) diante destas obras inovadoras/sofisticadas que fogem à linearidade da leitura e se arquetam numa lógica de fragmentação e descontinuidade, singularidades que se prendem com a estética pós-moderna (MARTINS, 2017).

No decurso desta tendência de difícil categorização/classificação³, encontram-se os livros-brinquedo, volumes que ostentam uma configuração gráfica distinta dos demais, fruto do material de que se socorrem (tecido, plástico, etc.), da exploração de mecanismos gráficos (como *volvelles*, abas, tiras, etc.), ou mesmo da dimensão reduzida ou do formato inusitado, por exemplo. Marcada pela imprevisibilidade e heterogeneidade, esta categoria abarca um número vasto de tipologias - como os livros *pull-the-tab*, livros com sons/música⁴, livros-fantoche⁵, livros-boneco, livros *pop-up*, livros de banho⁶, livros-concertina, livro *mix-and-*

² Definidos por Gaëlle Pelachaud como “livres conçus par les artistes ayant eux-mêmes élaboré leurs dispositifs, indépendamment des genres constitués, des maquettes de collections préexistantes, des normes imposées par les éditeurs”(2010, p. 11).

³ Uma dificuldade sentida por diversos autores diante da presença de diversos termos como se pode ver na seguinte afirmação “livres animés, livres à transformation, livres à figures mobiles, autant d’appellations qui, pour n’être pas exactement synonymes, recouvrent pourtant une même réalité, celle du livre à la conquête de la profondeur et du mouvement” (PELACHAUD, 2010,p. 37).

⁴ Sobre os quais apresentámos uma breve reflexão, intitulada “Histórias “de ouvido”: contributos para uma caracterização do livro com som”, no II Encontro Nacional de Jovens Investigadores em Educação, no Instituto de Educação, da Universidade do Minho, decorrido entre os dias 2 e 3 de junho de 2017.

⁵ A estes respeito, importa fazer referência à conferência *Histórias Vivas: Contributos para uma caracterização do livro-fantoche*, inserida nos 22º Encontros Luso-Galaicos do Livro Infantil e Juvenil, na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico do Porto, realizada a 10 de março de 2017.

⁶ Vide, por exemplo, o artigo de Diana Martins e Sara Reis da Silva (2016), intitulado “Banhos com história(s): contributos para uma caracterização do livro de banho”, constante no volume *Confia. 4th International Conference on Illustration & Animation*, Barcelos. Portugal. Junho 2016. p. 66-74, resultante do encontro com o mesmo nome organizado pela Escola Superior de Design, do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, em Barcelos/ Teatro Gil Vicente, entre os dias 10- 12 de junho de 2016.

match, livros-puzzle e de encaixe, etc.. No âmbito do presente estudo, centraremos a nossa atenção na categoria específica comumente designada livros *lift-the-flap*.

Estes volumes aproximam-se daquilo que Jean-Charles Trebbi, no desdobrável presente no final da obra *El arte del pop-up. El universo mágico de los libros tridimensionales* (2012), documento que integra diversos esquemas explicativos, denomina como detentores de “solapas, ventanillas o flap”, acrescentando que “se trata de imágenes con ventanitas: el lector levanta una lengüeta de papel para ver aparecer otra imagen”. Por sua vez, Gaëlle Pelachaud na sua obra *Livres animés: entre papier et écran* refere-se aos mesmos como “Le livre à rabats/le livre à volets/Le livre à flaps”, nos quais, segundo esta, “Une pièce de papier vient se superposer sur l’illustration principale. Cette feuille se soulève et révèle une autre image. Le livre à rabats permet de créer des surprises” (PELACHAUD, 2016, p. 98).

Ainda que inscritos numa tendência recente da literatura para a infância, a verdade é que a sua origem nos remete para publicações de cariz didático dirigidas a um público adulto, comuns no séc. XVI, que tiram partido de sobreposições, que se destacam por uma “practical and direct observation, physically involving the researcher in the interaction with natural phenomena and objects, marked a radical change in the methodology of scientific investigation from the 16th century” (CRUPI, 2016: 43). Tendo por temática a anatomia do nosso corpo, estas obras servem-se de abas de papel coladas a ilustrações do corpo humano para tornar mais compreensível os diversos órgãos e respetivas funções, “simplificando o método anterior - desenho de mais de 10 ilustrações justapostas, que deveriam ser lidas sequencialmente” (COSTA, 2016, p. 23). Neste âmbito, são de referir obras como *Catoptrum microcosmicum*⁷ (fig. 1) (1619), de Johann Remmelin que se serve de abas que se levantam para, deste modo, dar a conhecer o corpo masculino e feminino, ou *Anatomie iconoclastique. Atlas complémentaire de tous les ouvrages traitant de l’anatomie et de la physiologie humaines*⁸ (fig. 2), de Gustave-Jules Witkowski (1844-1922), um cirurgião, editada já em 1876.

⁷ Imagem retirada de http://drc.usask.ca/projects/archbook/archbook_admin/images/Large_Remmelin_Catoptrum_2.jpg

⁸ Imagem retirada de <http://www.biusante.parisdescartes.fr/images/banque/zoom/2012013.jpg>



Figura 1 - Ilustração de *Catoptrum microcosmicum* (1619), de Johann Remmelin.



Figura 2 - Ilustração de *Anatomie iconoclastique* (1876), de Gustave-Jules Witkowski.

O recurso a esta estratégia de cooperação do leitor de quem se espera o manuseamento de pedaços de papel, que ora ocultam ora revelam informação relativa à anatomia humana, é ainda observável nos livros de medicina de referência do século XX, como é o caso do volume *Le corps de l'homme: cinq planches coloriées à feuillets découpés et superposés*⁹ (fig. 3)(1903), de Edmond Perrier (1844-1921) (PELACHAUD, 2016).

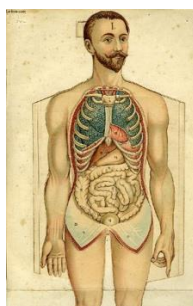


Figura 3 - Ilustração de *Le corps de l'homme* (1903), de Edmond Perrier

Na verdade, “by progressively leafing through these movable elements, the reader/spectator is invited to take part in a virtual autopsy, a simulation of the process of human dissection performed in anatomical theatres” (CRUPI, 2016, p. 44-46).

⁹ Imagem retirada de <http://www.le-livre.fr/photos/RO4/RO40108799A.jpg>

Refira-se, igualmente, e ainda em 1903, a obra publicada por Moritz Platen com o título *Livre d'or de la santé: méthode nouvelle complete et pratique de la médecine naturelle et de l'hygiène privée permettant de traiter soi-même toutes les maladies et assurant la conservation de la santé*.

Le principe des volvelles dévoile de corps de la femme, et une planche démontable laisse apparaître les organes génitaux de l'homme. Ce volume est muni d'un fermoir, afin que les planches et les textes consacrés aux matières sexuelles ne soient pas vus par les enfants (Pelachaud, 2016: 22).

Por último, ainda neste âmbito, é de assinalar, de igual modo, o volume *Larousse médical illustré*, do médico Galtier-Boissière (1857-1919), publicado em 1924.

As ilustrações com abas que se podem levantar, revelando uma outra visão, são frequentes em livros dedicados aos jardins como é o caso de *Description des jardins de France, mêlée d'observations sur l'avie de la campagne et la composition des jardins* (1808), de Alexandre de Laborde com desenhos de C. Bourgeois. Neste “les dernières planches présentent des structures animées qui donnent un aperçu de ce que peuvent apporter les modifications du paysage” (PELACHAUD, 2016, p.19).

Tendo por intenção tornar mais acessível a aprendizagem de conteúdos relativos à geometria, François Charles Marie (1788-?) publica o livro *Géométrie stéréographique, ou Reliefs des polyèdres pour faciliter l'étude des corps*, em 1834. Neste volume, estão presentes vinte e cinco planificações de sólidos geométricos, fixas à página por uma das faces, que se podem dobrar para, deste modo, fazer surgir o sólido representado a três dimensões. Trata-se, portanto, de abas de papel fixas à página que se podem não só levantar como também dobrar conferindo uma dimensão espacial aos poliedros ilustrados (PELACHAUD, 2016). A utilização de abas com um propósito também ele didático é observável na obra *Nouvelle encyclopédie autodidactique*¹⁰ (fig. 4) (1922), de Aristide Quillet. Composta por diversos volumes, nos quais “l'animation des images permet d'étudier de manière scientifique et technique les différents sujets” (PELACHAUD, 2016, p.28), são abordados assuntos distintos inscritos em domínios como os da anatomia, da mecânica, da botânica ou da filosofia, entre outros.

¹⁰ Imagem retirada de https://images-02.delcampe-static.net/img_large/auction/000/172/467/986_002.jpg

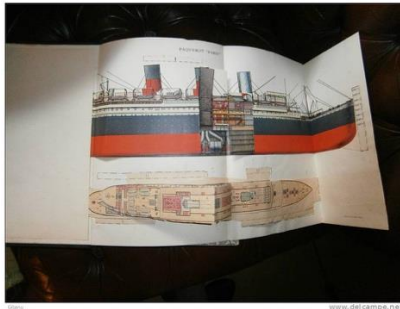


Figura 4 – Ilustração de *Nouvelle encyclopédie autodidactique* (1922), de Aristide Quillet

No entanto, será, somente, a partir do século XIX que a aplicação de mecanismos gráficos se dedicará a obras concebidas para os mais novos, como regista Pelachaud: “n’est qu’à partir du XIX^e siècle que les notions de plaisir et de divertissement sont introduites dans le livre pour enfants” (PELACHAUD, 2016, p. 7).

Durante este período, o livro é objeto de grande atenção no domínio da educação:

la production d’imprimés connaît de nouvelles orientations, explore différents domaines à caractère pédagogique, en introduisant dans la page la notion de troisième dimension. Par ailleurs, l’enseignant étant le seul à manipuler l’ouvrage, nul ne se souciait alors de sa fragilité. Les enfants, les jeunes élèves n’étaient pas autorisés à les prendre et les manipuler (PELACHAUD, 2010, p. 24).

O século XX será caracterizado pela criação de livros-objeto aptos ao manuseamento por parte da criança, resultado do trabalho de artistas como Bruno Munari, David A. Carter ou Květa Pacovská, por exemplo, que “deviennent objet de design, jeu de construction” (PELACHAUD, 2010, p. 24). Na verdade, “à partir du XX^e siècle, l’enfant manipule lui-même les livres. Il est libre de les toucher, de les lire et des relire, encore et encore” (PELACHAUD, 2016, p.7).

Ao longo da sua existência, o livro tem sido objeto de grandes mutações que conduziram a que “le livre à système destine aux enfants offre un nouveau destin au livre d’artiste” (PELACHAUD, 201, p. 15).

Consequentemente, nos últimos tempos, o livro tem alcançado uma dimensão de artefacto, de destinatário amplo e abrangente, pelas similitudes com outras artes como a escultura ou a arquitetura (pela exploração de uma terceira dimensão) ou com o origami (pela exploração da dobra), ou mesmo com o cinema (pela exploração do movimento). Estes fatores, aliados ao recurso a uma vasta oferta de materiais existentes (como a transparência do papel, por exemplo), a uma variedade de processos de impressão e de acabamento e

encadernações disponíveis levaram ao romper da bidimensionalidade da página e da rigidez da leitura, transformando significativamente o objeto livro¹¹ (PELACHAUD, 2010).

Quando se trata de bebês e de crianças mais pequenas, a materialidade do livro assume um especial destaque, pois “o suporte em formato de papel é de grande fragilidade para as crianças que o colocam na boca, manuseiam rapidamente, sem muito cuidado, até porque ainda não incorporam os rituais que circundam o ato da leitura” (DEBUS, 2017, p.146). Por tal motivo, “nos primeiros anos de vida, o livro é/tem de ser encarado como um brinquedo (...)” (RAMOS e SILVA, 2014, p 170).

O contato frequente, próximo e regular com os livros desde tenra idade, por via de uma exploração livre e lúdica e aliada a momentos de prazer e afetividade, torna emergentes os comportamentos e atitudes inerentes à aprendizagem da leitura. A interação afetiva/emotiva celebrada entre o mediador adulto, o livro e o bebê decorrente da leitura de livros, irá condicionar os juízos, deste último, sobre a leitura e os livros (GOLDMAN, 2010; VIANA e TEIXEIRA, 2002). Na verdade, por via da leitura de histórias, incrementam-se atitudes positivas sobre a leitura e os livros, desenvolvem-se conceitos relativos ao impresso e à linguagem escrita, ao mesmo tempo que se amplia a consciência da língua e adquire novos vocábulos e alarga o seu conhecimento do mundo, enriquecendo, igualmente, a imaginação. Além disso, “o hábito de ler para as crianças permite que elas imitem o comportamento do leitor, segurando o livro, começando no início ou voltando as páginas para perceber a sequência” (VIANA e TEIXEIRA, 2002: 49).

Distinguindo-se por uma maior liberdade no que respeita à sua manipulação e tendo por base temáticas que respeitam os interesses dos pré-leitores, os livros-brinquedo, contribuem para o desenvolvimento de competências e de atitudes precursoras da literacia. Com efeito, “les animations favorisent la compréhension du texte et présentent l’image sous un autre jour: ele n’est plus figée sur le papier. Eles incitent à la manipulation” (PELACHAUD, 2010, p. 41), próximo da aceção de leitor “as a player” (APPLEYARD, 1999).

Análise do *corpus* textual

Seguidamente, daremos início à análise empírica, relativamente restrita, de uma seleção de obras, todas estrangeiras, no entanto, traduzidas e editadas em Portugal, e representativas do género editorial em apreço.

¹¹ Diante destas transformações e face aos novos media, autores como Rosa Tabernerero (2017) ou Gaëlle Pelachaud (2010) defendem a tese de uma “relação causal entre a leitura no écran e o espaço físico do livro” (TABERNERO, 2017, p. 185), pela relação entre o gesto do leitor e o acesso à interpretação e compreensão do(s) sentido(s).

Tomamos como ponto de partida o volume *Onde estás tu, Coelhoinho?* (2005) (fig. 5), ilustrado por Stuart Trotter. Trata-se de uma publicação cartonada e de formato reduzido e quadrangular, com cantos redondos, descrito, segundo a editora, como “um divertido livro de janelas” que pertence a uma coleção que dispõe, também, dos seguintes títulos: *Onde estás, Porquinho?*; *Onde estás, Ratinho?*, e, *Onde estás, Passarinho?*. Arquitetado a partir de um discurso assente numa estrutura dialógica, de frases curtas e baseadas num paralelismo pergunta/resposta. A protagonista, a Raposinha, pretende saber onde se encontra o Coelhoinho, perguntando, em cada dupla página, aos diversos actantes com quem se cruza, nomeadamente, a coruja, o Sr. Veado e o Sr. Urso. Deste modo, cada página direita dispõe de um pedaço de cartão, de formato quadrangular, que, uma vez levantado, faz surgir um cenário *pop up*, aberto a 90° com uma vista frontal (fig. 6), no qual, segundo indicação de Jean-Charles Trebbi, no desdobrável presente no final da obra *El arte del pop-up. El universo mágico de los libros tridimensionales* (2012), “una silueta vertical de papel se sitúa a distancia del fondo por medio de una pata horizontal”. O recurso a estas “janelas”, assim denominadas pela editora, confere profundidade à componente visual, alicerçada em figuras estilizadas e delimitadas a preto, por via das quais o leitor simula uma espécie de *zoom in* como se este fosse a protagonista que vai percorrendo os diversos cenários. Assente num estimulante jogo de descoberta, onde pequenos indícios ou pistas incitam à curiosidade dos mais pequenos e à realização de inferências pelo vislumbrar dos chifres do veado atrás do arbusto, ou das orelhas do Coelhoinho atrás de um muro de pedra, por exemplo. O discurso textual é bastante conciso, mas, ainda assim, recorre contidamente à repetição. No final, os animais da floresta descobrem o motivo da inquietação da Raposinha que, somente, pretendia que o Coelhoinho lhe lavasse os dentes.



Figura 5 - Capa de *Onde estás tu, coelhoinho?* (2005), ilustrado por Stuart Trotter.



Figura 6 - Pormenor de *Onde estás tu, coelhinho?* (2005), ilustrado por Stuart Trotter.

Segue-se o álbum catálogo (RAMOS, 2011) *Cucu Onde está? Olha, espreita e descobre* (2006) (fig. 5), de Moira Butterfield, uma obra resistente e com abas de formato considerável facilmente manipuláveis por leitores mais jovens. Num cenário comum aos mais pequenos, que se limita às divisões da casa, uma pequena personagem infantil vai procurando os seus companheiros animais, um cão, um pato, um gato e um urso. O leitor pode assumir-se como elemento participativo desta ficção por via de abas de papel, de silhuetas irregulares e próximas dos objetos ilustrados, que se encontram tanto na margem esquerda como na direita de cada dupla página (fig. 6). Esta “divertida introdução ao mundo dos livros”, por indicação do peritexto final e tirando partido do conhecido jogo do cucu, tão adorado pelas crianças mais pequenas, fomenta a aprendizagem de conceitos espaciais básicos e o desenvolvimento de vocabulário. A componente pictórica resume-se a figuras simples, arredondadas e coloridas facilmente identificáveis. O discurso verbal de cariz muito breve e à semelhança do anterior assenta na oposição pergunta/resposta.



Figura 7 - Capa de *Cucu Onde está? Olha, espreita e descobre* (2006), de Moira Butterfield.



Figura 8 - Páginas de *Cucu Onde está? Olha, espreita e descobre* (2006) (fig. 5), de Moira Butterfield.

Editada pela Civilização Editora em 2011, a obra *Cucuuu com sons Chap! Chap!* (fig. 7), de Dawn Sirett, promove, à semelhança das acima discriminadas, a curiosidade e a surpresa. Com efeito, este álbum destinado, essencialmente, à exploração vocabular, ao reconhecimento e à identificação de objetos e contextos comuns do quotidiano, serve-se de três pequenas abas de cartão de tamanhos diversos que se podem levantar, presentes a cada página ímpar, para promover o jogo de desvendar ou de descoberta (fig. 8). O discurso textual simples pela repetição constante “onde estará escondido?” convida o leitor a procurar os diversos objetos, fazendo um breve uso da adjetivação. A componente pictórica socorre-se da fotografia para apresentar objetos coloridos e reconhecíveis, com padrões variáveis sobre fundos de cores sólidas a par da apresentação, na página esquerda, de diferentes bebés num cenário ligado ao ritual do banho. De assinalar, ainda, o facto de esta obra ter como particularidade a reprodução do som do pato, do pinguim, do barco, da rã e do peixe (os elementos que o leitor deve encontrar) audível a cada virar de página.

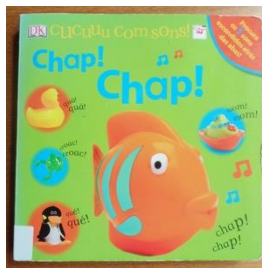


Figura 9 - Capa de *Cucuuu com sons Chap! Chap!*, de Dawn Sirett.



Figura 10 - Páginas de *Cucuuu com sons Chap! Chap!*, de Dawn Sirett.

Substancialmente distinto, *Querido Zoo* (2015) (fig. 11), de Rod Campbell, é apresentado como um “clássico infantil que faz a delícia dos pequenos leitores há várias gerações em cerca de 20 países”, segundo o peritexto presente na contracapa. Este pequeno álbum catálogo (RAMOS, 2011), ainda que, contrariamente ao que sucede neste género, ostentando marcas de narratividade, tem por temática os animais do zoo, e desenvolve-se em torno de um pedido de um animal de estimação. A cada dupla página sucede-se o envio de novo animal, todos eles dotados de particularidades pouco adequadas à domesticação, decorrentes do tamanho ou do seu comportamento de cada espécie. O conciso discurso verbal

serve-se da repetição “então, eles enviaram-se um(a)...”, estratégia que facilita a memorização e/ou participação dos leitores no (re)conto, mas também da adjetivação, distinguindo-se, assim, os diferentes animais sequencialmente expostos. A componente pictórica, assente num fundo plano branco, limita-se à representação da “embalagem” usada para envio, recortada sob a forma de uma aba com diferentes tamanhos e formatos (fig. 12), que o leitor é convidado a “abrir” e do animal apresentado que se esconde por baixo da primeira. De salientar a presença de vocábulos que parecem adquirir contornos imagéticos nas ilustrações que advertem para os cuidados a ter. O volume culmina com o envio de um cão que, no final da apresentação destas propostas um tanto excêntricas, se revelou o animal perfeito.

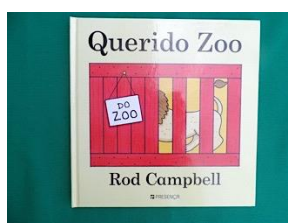


Figura 11 - Capa de *Querido Zoo* (2015), de Rod Campbell.



Figura 12 - Pormenor de *Querido Zoo* (2015), de Rod Campbell.

Encerramos esta breve abordagem com *Posso espreitar a tua fralda?* (2016) (fig. 13), de Guido Van Genechten, obra que, segundo o peritexto final, se afigura “um livro tão divertido quanto útil, com abas em forma de fralda para abrir e que contribuirá para despertar a curiosidade das crianças para o uso do bacio”. Este volume apresenta um ratinho muito curioso que gosta de investigar e de conhecer as coisas, que “mete o nariz em todo o lado!”, e que decide investigar o cocó dos outros animais, um coelho, uma cabra, um cão, uma vaca, um cavalo e, por fim, um porco. A fralda de cada um deles assume a forma de uma aba que o leitor pode levantar descobrindo, deste modo, o cocó que está no seu interior (fig. 14). Surpreendidos, no final, todos questionam o ratinho na tentativa de saber o motivo pelo qual a sua fralda está limpa. Todos são surpreendidos quando descobrem que, afinal, este se socorre de um bacio, levando a que todos lhe copiem o comportamento.

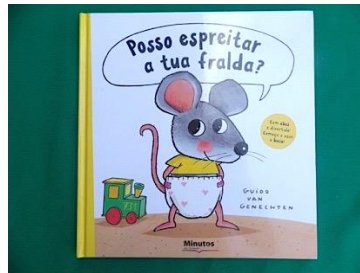


Figura 13 - Capa de *Posso espreitar a tua fralda?* (2016), de Guido Van Genechten.



Figura 14 - Pormenor de *Posso espreitar a tua fralda?* (2016), de Guido Van Genechten.

Considerações finais

Da reflexão que concretizámos conclui-se, assim, que os livros *lift-the-flap* se revelam importantes instrumentos no que ao desenvolvimento de referências positivas e estimulantes relativas à leitura e aos livros diz respeito, pela articulação criativa entre a vertente estética, lúdica e didática. Com efeito, a mobilização de mecanismos gráficos que incitam ao envolvimento físico do leitor, isto é, de pedaços de papel/cartão (que ocultam parte da informação visual) que se podem levantar, celebrando, deste modo, um jogo de procura e de descoberta faz do livro uma fonte de divertimento e de prazer. A apresentação parcelar/gradual ou descontínua de informação, empreendida de uma forma dinâmica e ao ritmo de cada leitor, incrementa uma alteração das condições habituais de leitura, extravasando as fronteiras entre ficção e realidade e desafiando e surpreendendo os seus leitores.

Nas obras revisitadas, dedicadas a temáticas diversas, a vertente pictórica ocupa um lugar central¹² (fator, aliás, essencial para crianças até aos seis anos) que se articula sinergicamente com o discurso verbal. Em termos genéricos, as ilustrações analisadas tiram

¹² Com efeito, numa fase inicial, “as crianças não só pensam que a imagem é a fonte da mensagem, como também começam por tratar cada uma das páginas do livro como uma unidade, ou seja, seguindo a acção e construindo a história ao longo das páginas” (VIANA e TEIXEIRA, 2002, p. 46).

partido de imagens coloridas, de figuras estilizadas e de aspeto sólido, regra geral, contrastantes com o fundo, de contornos fortes e bem definidos.

Por via de uma leitura deliberadamente lúdica, os livros *lift-the-flap* analisados contribuem para a formação de leitores ativos e hábeis pelo aperfeiçoamento da capacidade de observação, de associação de ideias, para o desenrolar de inferências e revelação de implícitos, mas também para a antecipação e a confirmação das possibilidades interpretativas adiantadas. Estes contribuem, ainda, para a conquista dos mecanismos de nomeação do mundo pela identificação e nomeação de objetos variados, para a aprendizagem de que a leitura se processa da esquerda para a direita e da diferença entre a realidade e a representação da mesma (BASTOS, 1999; COLOMER, 2005).

Bibliografia

Bibliografia Ativa

TROTTER, Stuart. **Onde estás tu, coelhinho?** Porto: Treehouse Children's Books, 2005.

BUTTERFIELD, Moira. **Cucu Onde está? Olha, espreita e descobre.** Lisboa: Texto editores, 2006.

SIRETT, Dawn. **Cucuuu com sons Chap! Chap!.** Porto: Civilização Editora, 2011.

CAMPBELL, Rod. **Querido Zoo.** Lisboa: Editorial Presença, 2015.

VAN GENECHTEN, Guido. **Posso espreitar a tua fralda?** Estoril: Minutos de leitura, 2016.

Bibliografia Passiva

APPLEYARD, J. A.. **Becoming a reader.** Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

BASTOS, G.. **Literatura Infantil e Juvenil.** Lisboa: Universidade Aberta, 1999.

CARPENTER, H. & PRICHARD, M. **The Oxford companion to children's literature.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre libros. La lectura literaria en la escuela.** México: Fondo de cultura económica, 2005.

COSTA, S.. O livro móvel – Adaptação do livro Onde moram as casas a multiliteracias. Tese de Mestrado. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Porto, 2016.

CRUPI, G.. “Mirabili visioni”: from movable books to movable texts. In **JLIS.it** Vol. 7, n. 1., 2016. Disponível em: <https://www.jlis.it/article/view/11611> Acesso em: 17 jul. 2017.

DEBUS, E. & SILVEIRA, R.. Fabrico e uso de livros artesanais na formação de educadores. In RAMOS, A. (org.). **Aproximações ao livro-objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura**. Porto: Tropelias e Companhia, 2017, pp. 145-157.

GOLDMAN, J.. Bebés Lectores?. In GUADARRAMA, L. G. (coord.). **Nuevos Rumbos en la crítica de la literatura infantil y juvenil**. México: Universidad Iberoamericana, A. C., 2010, p. 211-231.

MARTINS, D.. Livro-brinquedo: contributos para uma tipologia. In: RAMOS, A. (org.). **Aproximações ao livro-objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura**. Porto: Tropelias e Companhia, 2017, p. 25-41.

PELACHAUD, G. **Livres animés du papier au numérique**. Paris: L'Harmattan, 2010.
PELACHAUD, G. **Livres animés. Entre papier et écran - histoire/techniques/créations/perspectives**. S/L: Pyramyd, 2016.

Ramos, A.: Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In: Rechou, Blanca-Ana R., López, I., Rodríguez, M. (coord.). **O álbum na literatura infantil e xuvenil (2000-2010)**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2011, pp. 13-40.

RAMOS, A. (org.) **Aproximações ao livro-objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura**. Porto: Tropelias e Companhia, 2017.

RAMOS, A. M. e SILVA, S. R.. Leitura do berço ao recreio: estratégias de promoção da leitura com bebés. In VIANA, F. L.; RIBEIRO, F. e BAPTISTA, A. (coord.). **Ler para Ser: os caminhos antes, durante e... depois de aprender a ler**, 2014, Coimbra: Almedina, 2014, pp. 151-176.

SALA-TABERNERO, R.. O leitor no espaço do livro infantil. Para uma poética da leitura a partir da materialidade. In RAMOS, A. (org.) (2017). **Aproximações ao livro-objeto: das potencialidades criativas às propostas de leitura**. Porto: Tropelias e Companhia, 2017, pp. 181-199.

TREBBI, Jean-Charles. **El arte del pop-up. El universo mágico de los libros tridimensionales**. Barcelona: Promopress, 2012.

VIANA, F. e TEIXEIRA, M. **Aprender a ler – Da aprendizagem informal à aprendizagem formal**. Porto: Edições Asa, 2002.